

Toda mulher vibra o sentir de fêmea.

A ciência do Sentir, instituída no paradigma de um universo vibracional, propõe os conceitos de dimensões H (a dimensão da espécie Humana), h (a dimensão da realidade psíquica de cada ser humano individualmente), G (dimensão do Gato), V (dimensão do vegetal), etc. Beatriz Breves, autora da ciência do Sentir, propõe que o ser humano, através das limitações de seu sistema perceptivo, realiza um recorte do universo macromicro - uno inteiro e indivisível, a partir das dimensões H e h. Portanto, a dimensão H estaria para espécie humana assim como a dimensão h estaria para cada ser humano individualmente.

Evoluindo com o conceito das Dimensões H e h, acrescentaria que a condição humana inclui a diferenciação entre o macho e a fêmea, portanto, proponho a inclusão das dimensões F (fêmea) e M (macho). Então, o individuo seria codificado como HMh e HFh, nas quais, respectivamente, sentiriam a experiência vibracional do sentir macho e do sentir fêmea.

Desta forma, fundamentado pelo conceito das dimensões HFh - da mulher - e pela compreensão do ser humano como um complexo macromicro vibratório, um circulo de mulheres, sem a participação de homens, viabiliza a cada mulher participante do grupo a entrar em ressonância entre si, amplificando desta forma a vibração de fêmea, sem que esta possa sofrer amortecimento pela interferência da vibração do macho.

Seguindo para um breve relato histórico sobre a situação da mulher é importante informar alguns pontos sobre a onda do movimento feminista:

- Em 1848 surgiu a primeira onda do movimento feminista quando as mulheres reivindicavam seus direitos na vida religiosa, publica e social.
- Nas décadas de 60 e 70 surgiu a segunda onda do movimento feminista, ocasião da ampliação da consciência da mulher para reconhecer o seu potencial inato e a constante exigência dos direitos iguais ao dos homens no âmbito social, familiar e educacional.
- Nas décadas de 80 e 90 surgiu a terceira onda para corrigir as falhas da segunda onda, ao fazer uma leitura do feminino em uma compreensão política/social do sistema institucional, mudando o nome de movimento feminista ou feminismo para a política dos gêneros feminino e masculino.

Contudo o movimento da onda feminina não atingiu a celebração da mulher, pelo contrário, levou a mulher a se identificar com a conduta masculina, tornando-a um ser espelhado do homem para se livrar da opressão masculina. Daí a importância do resgate da vibração fêmea.

Neste contexto, estavam sempre presentes duas questões:

- Por que a mulher para adquirir poder ou valorização, teria que ser nas características do homem, entrando em competição e estabelecendo a guerra dos sexos?
- A mulher, mesmo não querendo assumir as tarefas do lar diretamente, devido a desvalorização, assumia responsabilidade de cuidar da família, acumulando, desta forma, duas jornadas de trabalho - o público (fora do lar) e o doméstico (tarefas do lar).

A mulher, até os dias de hoje, busca um alívio para as suas angustias de não se sentir inteira em si mesma enquanto mulher quando, por exemplo, precisa de um homem para se sentir

valorizada, não é valorizada na dupla jornada de trabalho, sente-se culpada, ao contrário do homem, por afastar-se de seus filhos para trabalhar, etc.

Neste sentido surgiu, o que entendo como um quarto movimento, o movimento da espiritualidade feminina, que veio para celebrar a sacralidade da mulher. Este movimento, conhecido como o ressurgimento do sagrado feminino, revela a divindade feminina na representação da Grande Mãe. No entanto, a aceitação do movimento da sacralidade feminina ficou restrita, pois muitas mulheres ativistas não aceitavam este olhar, por não se encontrar no âmbito da intelectualidade, que representa, na cultura patriarcal, a força, o racional, etc. e exclui o sentir, compreendido como fragilidade, irracionalidade, etc. Esta concepção é desconstruída pela Ciência do Sentir que inclui o sentir como a grande força do ser humano.

O Sagrado feminino, introduzido em Brasília por Mirella Faur, tem como proposta fortalecer o legado das Deusas. Propõe, e assim realiza, a manutenção de círculos de mulheres, com a finalidade da expansão da vibração feminina, que, agora, denomino como a vibração da fêmea.

Por vezes, por ser esta prática de círculo de mulheres sem a presença de homens, tende a ser confundida com corporativismo ou com feminismo ou, ainda, como um investimento na guerra entre os sexos. Esta é uma visão totalmente equivocada, pois a função do círculo de mulheres é a de sentir a vibração da dimensão HFh, pela profundidade partilhada, obtendo a inteireza e a totalidade do ser feminino e sagrado, resgatando o elo perdido e compondo, assim, o mantra da fêmea. Melhor dizendo, em se mantendo um círculo de mulheres é possível vibrar a dimensão HF e, desta forma, amplificar, através da ressonância, a sua vibração.

Concluindo, como foi dito no início, “toda mulher vibra o sentir de fêmea”, portanto, sem sofrer o amortecimento pela vibração do Macho, se apodera das suas virtudes resgatando em si mesma a sua estruturada e identificando o seu poder, não no campo da dominação.

#### Referencia Bibliográfica

Breves, Beatriz. Macromicro – A Ciência do Sentir. 2ª.Ed. RJ: Mauad X. 2009

\_\_\_\_\_. O Homem Além do Homem. RJ: Mauad X. 2001.

Faur, Mirella - Círculos Sagrados para Mulheres Contemporâneas– Ed. Pensamento. 2010

-----

\* Virginia Sampaio é psicóloga clínica, psicanalista, terapeuta comunitária e cientista do sentir.